

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Zé Pereiras são bonecos vestidos e carregados por populares que percorrem as ruas da cidade correndo atrás das crianças. Vindo de uma tradição portuguesa, a tradição “à la brasileira” sempre foi forte na cidade paulista de Atibaia, na época do carnaval. “Lembro-me de bonecos gigantes como se fosse um filme em preto e branco, saindo na penumbra da noite a passos lentos.” Esta descrição está na memória do artista plástico Edson Antonio Gonçalves que, em sua dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Artes (IA), conseguiu recuperar a história dos bonecões que há 20 anos tinha se perdido. Professor de Artes Visuais do Ensino Fundamental, ele propôs um desafio de arte-educação a alunos do nono ano do Centro de Educação e Formação Integrada (Cefi). A ideia era criar novos bonecos com material reciclado. Missão cumprida. “A cultura da cidade foi revigorada. As poucas pessoas que frequentavam a praça pública no carnaval voltaram a visitá-la, assim como retornaram os bonecos. Os foliões testemunham hoje que esta festa centenária tem sido memorável”, constata o pesquisador.

Segundo ele, foi colocado em prática um trabalho com a cultura popular dentro da sala de aula, que seria um lugar para a cultura mais erudita, sem uma atrapalhar a outra. As duas se entrelaçam como uma faixa de Moebius, salienta Edson, se integrando perfeitamente. O que mais contou, além do conhecimento da técnica, foram as recordações do pequeno Edson, nascido em Atibaia. Em sua infância, os bonecos gigantes povoaram o seu imaginário e o dos moradores de lá. Sem saberem o motivo, quando deram conta do seu desaparecimento na década de 1980, ninguém mais entendia para onde eles tinham ido e nem quem os tinham confeccionado.

O desfile dos bonecos acontecia três sábados antes do carnaval. Conforme Edson,

saíam os bonecos acompanhados por um grande contingente de populares e de uma banda que seguia a marcha em animado cortejo. Do Zé Pereira, saía uma boneca gigante, a Maria Madalena, sua parceira, ao lado de outros bonecos, personagens saídos dos estúdios de Walt Disney, como o Pateta, o Pato Donald, o Tio Patinhas. As lembranças, contudo, eram apenas vagas. Faltavam registros fotográficos de época.

Com o trabalho de criação na escola, alguns antigos integrantes da manifestação do Zé Pereira assistiram a uma exposição organizada por Edson. Eles viram dois bonecos semelhantes aos que carregavam no passado e os pediram emprestado, reaparecendo no carnaval de 1999. Em 2000, foram providenciados mais bonecos na escola. E a cada ano eles aumentavam. Hoje são mais de 100 deles, verdadeiros gigantes de dois metros de altura que chegam a 3,5 metros quando “vestidos”.

O resgate da tradição começou mais intensamente a partir de 2001. E os bonecos atuais são idealizados tendo como modelo personalidades da cidade e das histórias em quadrinhos. De certa forma, realiza-se um trabalho semelhante ao da *Pop Art*, movimento artístico que floresceu na década de 1950, sobretudo nos Estados Unidos, refletindo a sociedade de consumo e a abundância na forma de representar. Também houve uma preocupação em traçar um paralelo com os antigos bonecos homenageando os ídolos do cinema.

Na nova versão, o passeio dos bonecos acontece nas tardes de carnaval, isso nos quatro dias de festa. Eles circulam pelas ruas do centro da cidade e se concentram na praça da matriz. O espaço congrega os antigos foliões, os amigos de infância de Edson e os seus alunos.

Memória

Como era difícil encontrar documentos de época sobre o tema, da memória das pessoas surgiram lembranças enquanto se confeccionavam os bonecos. “Vieram, depois, as fotografias. Outras vezes as

pessoas apareciam fantasiadas”, conta o artista plástico.

Um dia ele se surpreendeu quando um pesquisador da cidade, Jamil Scatena, foi entrevistá-lo sobre a volta dos bonecões ao carnaval. Mencionou que sabia de uma fotografia de um boneco tirada em 1915. Edson foi falar com Ari André, cujo pai foi autor da imagem. Logo viu que essa tradição era de fato antiga em Atibaia, que hoje tem uma população de 120 mil habitantes e uma das histórias mais interessantes de resgate do carnaval. “Os bonecões de Olinda, tão famosos, apenas saíram às ruas na década de 1930”, acrescenta o professor do IA João Francisco Duarte Jr., orientador da tese.

Edson lembrava em parte dos bonecos de sua infância e adolescência. Eram bonecos rígidos, revela, não mamulengos (é provável que o termo se originou de mão molenga, ideal para dar movimentos vivos ao fantoche) como se vê no Nordeste. Mas, de acordo com ele, atualmente as crianças têm poucos momentos de brincarem na rua, de estarem com a vizinhança e de saírem de casa sozinhas.

O pesquisador afirma que a criança que fica na frente do videogame está praticamente fazendo percussão no teclado e não está usando a mão para pôr em execução os exercícios de coordenação motora fina. Isso o levou a fazer uma proposta para trabalhar com o folclore. E, como os bonecos gigantes são esculturas que andam e dançam com o apoio da música, os alunos se envolveram muito com o projeto.

Essa pesquisa vem demonstrar, ressalta o orientador do mestrado, que o trabalho com artes nas escolas precisa ser vivo e dinâmico, integrado à vida e à realidade, e não se perder no viés teórico, no qual se fala muito mais sobre arte do que se a toma como uma experiência a ser vivida individual e coletivamente.

Edson leciona Artes Visuais há quase 30 anos e acredita que, compartilhar em sala de aula as boas experiências que teve, o ajudou a criar uma conexão com o passa-

do. Ele lembrou inclusive que Atibaia, em 1996, tinha um lixão situado na beira do rio, o qual era despejado ali sem tratamento. Vendo algumas embalagens, intuiu que elas poderiam virar esculturas.

O passo seguinte foi pedir essas embalagens aos alunos. Através delas, foram feitas as *assamlages* – esculturas com colagem de objetos retirados do lixo –, que deram origem aos bonecões. Os pais acharam maravilhoso reciclar o lixo para transformá-lo em arte. Hoje Atibaia vive outra realidade: possui até usina de separação de lixo.

As oficinas de bonecões saíram daquela escola e, ganhando as ruas e a população, passaram a ser ministradas em centros comunitários e em outras escolas de Atibaia. O pesquisador passou a capacitar professores de artes, e quase todos os bairros foram atingidos pela ação. Alguns participantes agora fazem artesanato e tiram o seu sustento disso. A produção de bonecos gigantes já soma 12 anos. O professor Edson já levou sua experiência a municípios como Piracaia, Bragança Paulista e Joanópolis.

A expectativa dele é publicar a sua dissertação, como indicado pela banca examinadora, a fim de compartilhar seus conhecimentos e incentivar educadores a notarem a viabilidade de buscar uma atividade próxima da realidade dos alunos. Quanto ao seu objetivo de vida, ele deve se dedicar ao desenho, à pintura acrílica e às esculturas com cera de abelha e papel machê. “Todo tempo que eu tinha para me dedicar à arte, deixei de lado para estudar”, relata. “Mas valeu a pena”, garante. Uma prova disso são os bonecões que continuam proporcionando as emoções dos antigos carnavais e das festas do presente.

Publicação

Tese: “Os bonecões no carnaval de Atibaia: uma experiência em arte-educação”
Autor: Edson Antonio Gonçalves
Orientador: João Francisco Duarte Júnior
Unidade: Instituto de Artes (IA)



Boneco na Atibaia do início do século 20: resgate de tradição centenária



O artista plástico Edson Antonio Gonçalves ao lado de suas criações no campus da Unicamp: emoções dos antigos carnavais

Os reis da folia

